

## O CULTO IMPERIAL E AS MOEDAS DO IMPÉRIO ROMANO\*

Vagner Carvalheiro Porto\*\*

**Resumo:** *É nosso objetivo neste trabalho demonstrar como as efígies de Augusto e os signa imperii augustanos, presentes nas moedas produzidas na Hispania e Síro-Palestina, propagandeavam o culto imperial, o Estado e seu guia, Augusto, garantindo-lhe mérito e prestígio. Augusto foi o primeiro a preocupar-se com a organização política sistemática das imagens, buscando reconhecer publicamente suas qualidades militares - de Divi filius - e seus méritos no comando do Estado. Tibério, no Ocidente, e Herodes, no Oriente, foram seus importantes continuadores. A estética foi, desse modo, posta a serviço da política.*

**Palavras-chave:** *Augusto; culto imperial; moedas romanas; Hispania; Síro-Palestina.*

### THE IMPERIAL CULT AND THE COINS OF THE ROMAN EMPIRE

**Abstract:** *It is our goal in this paper to show how the effigies and augustean signa imperii on the coins struck under Augustus in Hispania and Syro-Palestine advertised the imperial cult, the State and his leader, Augustus, thus guaranteeing merit and prestige for himself. Augustus was the first to be concerned with the systematic political organization of images, searching for the public acknowledgement of his military qualities, of his Divi filius status, and of his virtues in ruling the State. Aesthetics was, therefore, put at the service of politics.*

**Keywords:** *Augustus; imperial cult; Roman coins; Hispania; Syro-Palestine.*

---

\* Recebido em: 17/12/2017 e aceito em: 10/01/2017.

\*\* Professor doutor do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Coordenador do LARP – Laboratório de Arqueologia Romana Provincial (MAE-USP). E-mail: vagnerporto@usp.br.

## Introdução

Neste artigo pretendemos apresentar alguns pontos de reflexão sobre como a análise da iconografia monetária pode oferecer subsídios para entendermos o culto imperial e todas as questões que o cercam. Os símbolos augustanos, presentes nas moedas, estão, direta ou indiretamente, relacionados ao culto imperial, como poderemos ver.

A ordenação do espaço físico empreendida por Augusto pode ser diretamente relacionada com a *pax deorum*, ou seja, a paz existente entre os deuses e cidadãos romanos. Isso pode ser observado nas moedas. Também os *signa imperii*, signos e símbolos relacionados a Augusto, desde pelo menos a morte de seu pai adotivo Júlio César, foram escolhidos para estar nas moedas.

Dentre esses símbolos que, de certo modo, permitiram a construção de esquemas iconográficos que foram difundidos e utilizados no anverso e reverso das moedas produzidas, seja em Roma ou nas províncias romanas, destacam-se – como bem colocou Debora Casanova da Silva em seu artigo *Altar belvedere no culto dos lares augusti: reorganização do espaço sagrado da urbs (ca. 12 a. C.)* de 2013 – : a *sidus Iulium*, a estrela que simboliza *diuus Iulius*; a *Rostra*, que representava a proa dos navios dos inimigos de Otaviano; arbustos de louros, ligados à divindade Apolo; os cisnes, também ligados à divindade Apolo; a coroa cívica ou coroa de carvalho; o escudo áureo ou escudo da virtude; centauros marinhos, golfinhos e cavalos marinhos; a deusa Vitória; Eneias; a quadriga, que representava o triunfo de Augusto, etc.

Segundo Paul Zanker, esses símbolos “dedicados a Augusto em 27 a. C. foram combinados de modos inimagináveis, não somente um com o outro, mas com novos ou mais recentes símbolos da vitória ou salvação” (ZANKER, 1992, p. 74 e 87). Durante anos a batalha do *Actium* foi lembrada como um tipo de milagre secular, a partir do qual o novo governo de Augusto foi criado (SILVA, 2013, p. 37).

É sabido que o culto imperial foi um ritual implantado a partir da reapropriação - no momento do movimento cultural, jurídico, político e religioso conhecido como a *restauratio augustana* - de um ritual já conhecido pelos romanos desde a época arcaica, o ritual incluído no festival das *Compitalia*. Originariamente dedicado a duas divindades, os deuses Lares,

o ritual foi modificado em 7 a.C., a partir da inclusão de uma terceira divindade, a essência divina de Augusto, ou *Genius Augusti*, passando a se chamar *Lares Augusti*. Em sua origem, no formato singular, correspondia ao Lar, divindade que, em conjunto com o *genius* do *paterfamilias*, era cultuada dentro das casas romanas em um pequeno santuário, o *lararium* (SCHEID, 2003, p. 163-165).

Outro símbolo importante que auxilia na composição da divinização augustana é o escudo da virtude mencionado anteriormente. O esquema iconográfico relacionado ao escudo gira em torno da família imperial, na formulação da superioridade da *domus augusta*, e na aura divina presente nas vitórias de Augusto. Compõe essa cena a deusa *Vitória* alada segurando o *clipeus uirtutem*, o escudo da virtude que fora entregue a Augusto em 27 a.C. pelo Senado e pelo povo romano. Os *signa* aparecem na cena e nela podemos ver ligações tanto com a divindade Apolo como com a presença da personificação da deusa *Vitória*, que teria garantido a *pax augusta*. A representação iconográfica de Nike-Vitória escrevendo no escudo é recorrente principalmente nas moedas dos imperadores que sucederam a Augusto.

Segundo a tradição, o escudo da virtude que Augusto recebeu, teria sido depositado no altar da deusa *Vitória*, na *Cúria Iulia*. As cópias desse escudo, colocadas em várias cidades, permitiram a divulgação a todos os cidadãos romanos das virtudes de Augusto, já que cada uma destas se ligava a seus feitos.

Nesse tipo de honra, havia outra questão implícita: Augusto deveria ser um exemplo - mais do que para os cidadãos, para os governantes posteriores a ele. O escudo apresentava um conjunto de qualidades preconizadas pelo *mos maiorum*, e sua circulação vinculada a Augusto mostrava a identificação entre essas qualidades e o seu governo.

Outro aspecto importante que diz respeito ao culto imperial, é o da fundação das novas cidades. Rui Morais, falando do caso da fundação de *Bracara Augusta*, província da Hispania romana, informa que a fundação da cidade, mais do que entendida como um núcleo populacional novo, devia ser encarada num sentido mais lato, aquele da criação de uma consciência cívica coletiva representada pela menção dos *bracaraugustani*, documentada pela epigrafia (TRANOY, 1980, p. 155-159 *apud* MORAIS, 2007, p. 133). Nesse ponto, salientem-se dois pedestais de estátua, um dedicado a Augusto, comemorando o dia do aniversário do nascimento do legado

Paullus Fabius Maximus, e outro em honra de Agrippa Postumus, filho do lugar-tenente de Augusto, M. Vipsanius Agrippa. Tais monumentos são um forte indicador de que, nos inícios da formação da cidade, o culto imperial foi oficialmente introduzido ao mesmo tempo que se desenvolvia o culto dinástico dos herdeiros de Augusto.

### **Instrumentalização política das moedas: algumas considerações**

Pudemos abordar no artigo que publicamos em 2012 pela **Mare Nostrum – Estudos sobre o Mediterrâneo Antigo**, que o culto imperial aparece na literatura com aspectos diferentes tanto no Oriente quanto no Ocidente: a historiografia acostumou-se a propor que o Oriente seria o local propício à substituição de um culto por outro, pois havia a tradição de veneração ao poder, enquanto que, no Ocidente, o culto era, de certa forma, imposto por Roma (PORTO, 2012, p. 17).

Vimos que o culto imperial surge como forma de conexão e sua uniformidade se propõe como elemento de coesão, de unidade. De acordo com M. Beard, J. North, e S. Price, ele se traduzia em diferentes tipos de culto e em diferentes formas de interação com os deuses locais. Esses autores propõem a diferenciação já mencionada entre Oriente – local propício à substituição de um culto por outro, pois havia a tradição de veneração ao poder – e Ocidente, em que o culto era imposto por Roma (BEARD; NORTH; PRICE, 1998, p. 334). Segundo eles, o Ocidente não possuía uma estrutura estatal, e os grupos rivalizavam entre si. Como nos informa Paul Zanker (1992), principalmente no que diz respeito ao Ocidente, as aristocracias locais procuravam promover seus feitos pela autoimagem, em especial pela competição que o culto imperial promovia entre as cidades.

Segundo Zanker, o retrato de Augusto nas moedas, por exemplo, propagandeavam tanto o Estado quanto o seu imperador (ZANKER, 1992, p. 18), garantindo-lhe mérito e prestígio. Ana Tereza Marques Gonçalves lembra que Augusto foi o primeiro imperador a se preocupar com sistematização das imagens e seus *links* com a organização política, procurando reconhecer de forma pública suas qualidades militares como *Divi filius* e seus méritos no comando do Estado (GONÇALVES, 2001, p. 57). A estética foi, desse modo, posta a serviço da política (PORTO, 2012, p. 17).

Com relação às moedas, elas circulavam por todo o Império e até fora das fronteiras romanas levando imagens e pequenas inscrições gravadas em seus aversos e reversos. Com as moedas, como diz Antônio Tavares (1988, p. 116), circulava o elogio do imperador. E, como na fabricação de estátuas, havia cânones oficiais a serem seguidos. Como enfatiza Kevin Greene, não havia um controle direto do imperador sobre as cunhagens cidadinas, mas havia cânones previamente definidos que eram respeitados (GREENE, 1986, p. 50).

No entanto, há pesquisadores - como M. H. Crawford (1983) - que não veem as moedas como veículos de propaganda. Crawford defende que os veículos devem causar impacto, devem obrigatoriamente chamar a atenção dos receptores, e as moedas não eram observadas detidamente por aqueles que as utilizavam (PORTO, 2012, p. 18). Comenta, ainda, que a autoridade e a personalidade dos imperadores chegavam à população através do culto imperial, das estátuas, das construções públicas e das distribuições de benesses, e não através das moedas; por isso não existia um órgão específico do governo para controlar as emissões monetárias e poucas vezes as moedas foram descritas nas fontes textuais romanas. Para Crawford, elas só apresentavam inscrições e figuras porque esse era um hábito romano. Os tipos e as legendas normalmente tinham duas funções: identificar a autoridade responsável por sua cunhagem e proclamar a mensagem de que tal autoridade estava no poder. Observando os estudos de M. H. Crawford em **Roman imperial coin types and the formation of public opinion** (1983, p. 47-59), vimos que:

*(...) a moeda é um símbolo de soberania e autoridade e que nela encontram-se gravadas as atividades imperiais, mas argumenta que, para se transformar num veículo de propaganda, a moeda deveria possuir um conteúdo programático e um significado menos efêmero. Porém, reconhece que o que identifica a cunhagem de um imperador era a imagem do mesmo. Em casos de damnatio memoriae (“danação da memória”, no sentido de remover da lembrança), não apenas as estátuas e inscrições eram atingidas, mas as moedas também eram raspadas. (PORTO, 2012, p. 18)*

Já havíamos contrariado a argumentação de Crawford no referido texto de 2012: em primeiro lugar, porque as moedas não eram efêmeras, pois circulavam mesmo depois da morte do imperador que as havia cunhado. Podiam continuar circulando, por vezes, além de cem anos de sua cunhagem.

Em segundo lugar, da mesma forma que não havia um órgão específico para controlar as imagens das estátuas imperiais, também não havia a necessidade da existência de um organismo oficial para controlar as cunhagens, pois os cânones já se encontravam definidos pela tradição e pela repetição, e, além disso, mesmo os cânones estabelecidos são objeto de escolha de uma autoridade que optou por este e não aquele símbolo para compor o campo da moeda. Em terceiro lugar, tanto era verdade que as moedas eram observadas, que elas eram raspadas no caso de *damnatio memoriae* decretada pelo Senado. Por fim, o grande problema de analisarmos a questão das moedas não é perceber que elas divulgavam obras, feitos e virtudes do imperador, mas sim entender plenamente alguns de seus símbolos – já que eles estão muito distantes de nossa simbologia atual – e perceber o seu impacto na população, o que é impossível de se alcançar, pois não temos informações de como os romanos reagiam às mensagens transmitidas. No entanto, há constatações infofismáveis: nunca se deixou de tentar transmitir algo pelas moedas; não há moedas sem tipos ou legendas (PORTO, 2012, p. 19).

Paul Zanker afirma, e com ele concordamos:

*As moedas tiveram sem dúvida um grande número de observadores atentos. Diferentemente de nossa época, submersa em estímulos visuais, o aparecimento de novas imagens era então um acontecimento. [...] As moedas tinham uma circulação particularmente maciça e difusa, como demonstram as escavações, sobretudo na parte ocidental do Império. (ZANKER, 1992, p. 62)*

Desde que comecei a estudar numismática há vinte anos, principalmente graças aos ensinamentos da professora Maria Beatriz Florenzano nos primórdios de minha formação, aprendi que imagens nas moedas sempre indicaram algum tipo de propaganda, pois as moedas passavam pelas mãos de todos e estavam sempre sob o olhar de todos. Não podemos perder de vista que à época romana não se contava com os estímulos visuais dos tempos atuais, por isso os símbolos presentes nas moedas eram muito mais observados e considerados.

Pode ser que o emprego do termo “propaganda” para a Antiguidade não seja apropriado. Mas não percamos de vista que havia, sem sombra de dúvida, uma instrumentalização política das moedas e de seu conteúdo por governantes, quer das elites locais, quer de Roma (PORTO, 2012, p. 19).

## O culto imperial nas moedas da Hispania e da Siro-Palestina

As cunhagens de *Colonia Patricia* são bem conhecidas graças aos trabalhos de F. Chaves Tristan, principalmente **La Corduba hispano-romana y sus monedas** (Sevilha, 1977); também pelas discussões de R. Knapp (em *Annali dell'Istituto Italiano di Numismatica*, 1980, p. 189-202).

Todos os símbolos sacerdotais - como a pátera, o *aspergillum*, o jarro e o *lituus* (**Fig. 1**) - são tipos que têm sido explicados como uma alusão aos mais importantes sacerdócios de Augusto (PORTO, 2012, p. 20).



**Fig. 1** - *Colonia Patricia*. Bronze. Autoridade emissora: magistrados locais sob Augusto. Anverso: cabeça de Augusto à esquerda. Legenda: PER CAE AVG. Reverso: símbolos sacerdotais: pátera, *aspergillum*, jarro e *lituus*. Legenda: COLO PATR. Referência: Burgos 1565.

Nas cidades de *Tarraco* e *Emerita*, o reino de Tibério é o ponto de partida para o estabelecimento do culto imperial ao organizar-se o culto provincial e a construção dos templos dedicados a Augusto. A morte e posterior divinização de Augusto foram recordadas, em várias cidades hispânicas, com novas séries de moedas realizadas por ordem de Tibério, nas quais aparecem, em seu anverso, a cabeça radiada de Augusto e a legenda DIVVS AVGVSTVS PATER, junto do templo AETERNITATI, AVGVSTAE.

A maior produção monetária de *Emerita* foi feita durante o reinado de Tibério. Os tipos monetários e as legendas das moedas dessa cidade têm um forte caráter religioso, com específica alusão ao culto imperial - o que fica evidente, se observarmos as legendas dos aversos. Sobre os reversos das moedas das cidades hispânicas de *Tarraco* e *Turiaso*, a religiosidade se verifica com a representação da porta da cidade,<sup>1</sup> do altar de *Providentia* e do templo de *Aeternitas Augusta* nas moedas batidas (**Figs. 2 e 3**).



**Fig. 2 - Tarraco.** Bronze. Autoridade emissora: Tibério. Anverso: cabeça de Augusto. Legenda: DIVVS AVGVSTVS PATER. Reverso: altar. Legenda: AETERNITATIS AVGVSTAE (da eternidade augusta ou da imortalidade de Augusto). Referência: Roman Provincial Coinage 102.



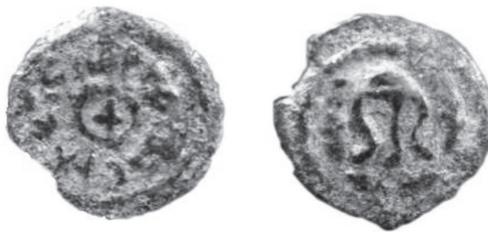
**Fig. 3 - Turiaso.** Bronze. Autoridade emissora: Tibério. Anverso: estátua de Augusto divinizado, sentado em trono. Legenda: DEO AVGVSTO. Reverso: o templo. Legenda: AETERNITATIS AVGVSTAE. Referência: Roman Provincial Coinage 401.

Já no caso do Oriente, muitas são as cidades da Síria-Palestina que procuraram retratar o culto imperial. Foi Herodes, o Grande, quem inaugurou essa tradição. De acordo com Flávio Josefo, depois da invasão da Judeia pelos partas em 40 a.C., precisamente em 37 a.C., Herodes Magno, com apoio romano, reivindicou aos romanos o poder sobre Jerusalém. Consequentemente, governou a Judeia como rei cliente de Roma, tanto como recompensa pelos inolvidáveis serviços prestados como rei, quanto por sua diplomática bravura e destreza, (JOSEFO. **Guerra dos Judeus**, I, 2.4.242; **Antiguidades Judaicas**, XIV, 11.2.274); também Herodes recebeu de Augusto diversas cidades gregas e territórios circunvizinhos do Jordão. As escavações do novo porto da cidade de Cesareia e seu opulento palácio, de vilas em Jericó, de Massada e de Herodion, e aquelas realizadas nas

residências aristocráticas no quarteirão judeu de Jerusalém, revelaram a extensão da difusão da cultura romana na Palestina, a partir da descoberta de estilos e técnicas da arte arquitetural e da arte decorativa promovida por Herodes (ANDERSON, 1995, p. 446).

Dentre as razões que levaram Herodes a cunhar moedas, particularmente nos interessam aqui os contextos relacionados às instituições romanas de *congiaria* e *donativa*. Augusto adotara essa prática, estabelecendo para todo o Império um padrão de generosidade (*Liberalitas Augusti*) que foi imitado por seus sucessores. Nesse sentido, a magnanimidade geral de Herodes pode ter sido uma imitação da própria política de benevolência inaugurada por Augusto.

Durante a importante visita de Herodes a Otaviano, na ilha de Rodas, na primavera de 30 a.C. (após a vitória deste último na Batalha de *Actium*), Herodes corajosamente tirou o próprio diadema em deferência ao conquistador a quem ele agora queria se alinhar (JOSEFO. **Guerra dos Judeus**, I, 387; **Antiguidades Judaicas**, XV, 187). Otaviano devolveu o diadema à cabeça de Herodes (JOSEFO. **Guerra dos Judeus**, I, 393) e reconfirmou seu governo. Esse episódio foi simbolicamente retratado nas primeiras emissões de Herodes, que colocou o diadema com a letra X no centro dos aversos, como podemos ver na **Figura 4**. Donald T. Ariel acredita que a produção dessas moedas e a doação de uma grande quantidade delas às suas tropas sejam exemplo da *congiaria* e *donativa* iniciada por Augusto e imitada, neste caso, por Herodes (ARIEL, 2008, p. 114).



**Fig. 4** – Jerusalém. Bronze. Autoridade emissora: Herodes, o Grande. Anverso: diadema; dentro, letra X. Legendas em grego, ΗΠΩΔΟΥ ΒΑΣΙΛΕΩΣ (do rei Herodes). Reverso: mesa com três pernas encurvadas. Referência: Meshorer *TJC* 48; Hendin 490.

*Cesareia Panias* (a moderna Banias), na região da Transjordânia, também é importante para entendermos a expansão do culto ao imperador no Oriente. *Panias* era conhecida por suas fontes de águas frescas vindas das montanhas para o Mar da Galileia. De acordo com Flávio Josefo, Felipe, filho de Herodes, o Grande, teria reedificado a cidade e lhe dado o nome de *Cesareia* em honra a Augusto (JOSEFO. **Guerra dos Judeus**, II, 305-311). O *Augusteum*, templo que fora construído por Herodes em homenagem a Augusto, segundo Josefo, apareceu nas moedas de Felipe (**Fig. 5**).



**Fig. 5** – *Cesareia Panias*. Bronze. Autoridade emissora: Felipe I. Anverso: bustos conjugados de Augusto, laureado, e Lívia, à direita. Legendas em grego, ΚΑΙΣΑΡΙ ΚΕΒΑΚΤΩ (*Augustus Caesar*). Reverso: fachada de templo tetrastilo construído sobre plataforma alta (o *Augusteum* em *Panias*); colunas com capitéis jônicos, dois círculos concêntricos no centro. Pequeno pedimento. Legenda: ΦΙΛΙΠΠΟΥ ΤΕΤΡΑΡΧΟΥ (Filipe tetrarca). Referência: Meshorer TJC 100.

Ao retratar o casal Augusto-Lívia nas moedas de *Panias*, Felipe I faz menção ao culto ao imperador por intermédio da representação da família imperial. Lembremo-nos de que o culto imperial se estendia à família imperial. Formas de rituais ligados ao culto imperial eram expandidas a toda a família, de modo que até mesmo esposas e filhas eram elevadas ao status de *diucae*, ou seja, humanos divinizados após a morte. Outras partes integrantes do culto imperial, tais como o culto ao *genius* do imperador, assim como os votos feitos em intenção da recuperação da saúde e bem-estar, chamados de *pro salute*, eram direcionados também à família imperial, assim como aos senadores (SILVA, 2013, p. 30). Na moeda anterior (**Fig. 5**), os bustos conjugados de Augusto e Lívia aparecem no anverso. Em volta da cabeça de Augusto e de Lívia vê-se a inscrição “ΣΕΒΑΣΤΩΝ”. De acordo com Spijkerman, isso significa que ambos possuíam o título “Augustus”. Sabe-se, a partir de fontes romanas, que Lívia usufruiu esse título somente após a morte de seu marido em 14 d.C. (SPIJKERMAN, 1978, p. 79).

A representação do templo dedicado a Augusto, no reverso dessa moeda e da moeda a seguir (Fig. 6), é uma importante demonstração do culto imperial promovido por Herodes Magno, a princípio, e por seus sucessores após sua morte. Do ponto de vista político, Augusto se esforçou para que as reconstruções de templos antigos e as novas construções fossem aproximadas de sua imagem. Servindo fielmente a Roma, e com o intuito de perpetuar-se no poder, Herodes seguiu os mesmos passos, não só romanizando o Oriente, mas promovendo o culto ao imperador das mais variadas formas. O uso de símbolos augustanos nas moedas foi apenas mais um de seus expedientes.



**Fig. 6** – *Cesareia Panias*. Bronze. Autoridade emissora: Felipe I. Anverso: busto de Felipe I, à direita. Legendas em grego, ΦΙΛΙΠΠΙΟΥ ΤΕΤΡΑΡΧΟΥ (de Felipe, o tetrarca). Reverso: fachada de templo tetrastilo construído sobre plataforma alta (o *Augusteum* em Panias); as colunas com capitéis jônicos, Lirio no pedimento. Legenda: KAICAP CEBAC (*Caesar Sebastos*). Referência: Meshorer TJC 96; Hendin 529; AJC II 2.

Outra cidade da Siro-Palestina que destacamos aqui é *Sebaste*. Herodes havia reconstruído *Samaria*, dando-lhe o nome de *Sebaste*, feminino grego de Augusto, em homenagem ao imperador romano. Dan Barag descreveu a intensiva reconstrução de Herodes em *Sebaste* e datou o início das obras para 27 a.C., logo depois da fundação (BARAG, 1993, p. 16, n. 7 *apud* ARIEL, 2008, p. 121). Tudo indica que as moedas batidas nesse ano devem ter sido emitidas a propósito da política da *congiaria* (e/ou *donativa*) para celebrar a refundação da cidade. Um estádio recuperado por Herodes, na parte nordeste de *Sebaste*, e templos gregos dedicados a Augusto, construídos por este rei em *Sebaste* e *Cesareia*, também se enquadram neste contexto (ANDERSON, 1995, p. 454-55).

Duas moedas dessa cidade, em particular (Figs. 7 e 8), permitem-nos verificar elementos simbólicos condizentes com o culto imperial. Mais uma

vez Herodes habilmente faz uso da força propagandística da moeda para fazer valer sua vontade política.

Ao retratar a *Lebes*, um vaso cerimonial, sobre a base de um trípode no anverso da moeda a seguir (**Fig. 7**), e a *Apex*, touca cerimonial dos sacerdotes romanos, retratada no reverso, Herodes, o Grande procura relacionar Augusto à esfera do sagrado, como *pontifex maximus*. A trípode também pode ser uma conexão que ele faz com Augusto, pois este teria abraçado o simbolismo cultural de Apolo. Como Zanker escreveu: “enquanto Antônio se comparou a Dioniso, Otaviano colocou toda a sua fê em Apolo”(ZANKER, 1992, p. 49).



**Fig. 7** – *Sebaste*. Bronze. Autoridade emissora: Herodes, o Grande. Anverso: trípode. *Lebes* (vaso cerimonial) sobre a trípode. Legendas de anverso: em grego, ΒΑΣΙΛΕΩΣ ΗΠΩΔΟΥ (do rei Herodes). Reverso: *apex*, touca cerimonial dos sacerdotes romanos. Acima, duas palmas. Legenda: não há. Referência: AJC II 1; Hendin 486; Meshorer *TJC* 44; SNG *ANS* 195.

A moeda a seguir (**Fig. 8**) permite uma discussão importante sobre o escudo presente em seu reverso. Já vimos a importância do escudo para o culto de Augusto nas linhas iniciais deste texto. O escudo da virtude (*clipeus virtutis*) comemorava a virtude, clemência, justiça e piedade de Augusto. Símbolos militares não eram comumente retratados na cunhagem romana, durante o governo de Augusto. Assim, podemos inferir que essa imagem que aparece nessas emissões diz respeito ao escudo da virtude.

A despeito disso, o escudo existente nas moedas de Herodes não parece referir-se ao *clipeus virtutis*, mas sim ao escudo macedônio. No entanto, pode haver uma ligação conceitual entre os dois, como se Herodes dissesse: “seu escudo vem do Senado; o meu deriva de Alexandre, o Grande”. Ariel nos propõe que o escudo presente nas moedas de Herodes Magno

pode estar conectado com o legado militar macedônio na Siro-Palestina, bastante vivo à época de Herodes. Ademais, Herodes pode de fato ter sentido alguma afinidade com Alexandre, o Grande. Ele deu o nome Alexandre a seu filho mais velho, filho este que tivera com sua amada Mariamne I, e ao outro, o nome Felipe. À luz da constatação de que as moedas de Herodes carregam símbolos augustanos, pode-se sublinhar a esse favor que Cícero comparou Otaviano a Alexandre, o Grande (**Filípicas** 5. XVII. 48 *apud* ARIEL, 2008, p. 120). Isto posto, podemos conjecturar que o escudo presente nas moedas de Herodes pode conter, ao mesmo tempo, dois significados intencionais: por um lado, referir-se ao escudo da virtude (*clipeus virtutis*), considerando a política de acolhimento ao sistema político-religioso promovido por Augusto; por outro, possuir um caráter de enaltecimento à linhagem militar macedônia na região.



**Fig. 8** – *Sebaste*. Bronze. Autoridade emissora: Herodes, o Grande. Anverso: Elmo cristado com duas pontas. Legendas de anverso: em grego, ΒΑΣΙΛΕΩΣ ΗΙΡΩΔΟΥ (do rei Herodes). Reverso: escudo decorado. Legenda: não há. Referência: *AJC II* 2; Hendin 487; Meshorer *TJC* 45; *RPC I* 4902.

## Considerações finais

Tanto no exemplo das emissões monetárias da Península Ibérica, aqui exemplificadas pelas cidades de *Colonia Patricia*, *Tarraco*, *Emerita* e *Turiaso*, como no caso das cunhagens da Síria-Palestina, tomando como exemplo aqui as cidades de Jerusalém, *Cesareia Panias* e *Sebaste*, as moedas retratam símbolos e legendas que nos remetem ao culto imperial. Tal situação é presente nas moedas emitidas por Roma, que circularam por essas e outras cidades das províncias mencionadas e demais províncias do Império. Da mesma forma, o culto imperial revela-se nas moedas emitidas

pelas elites locais, ou por reis clientes, com a devida permissão de Roma, como foi o caso de Herodes, aqui exemplificado.

Seria essa recorrência de elementos iconográficos que remetem direta ou indiretamente ao culto imperial tanto nas cidades do Oriente como do Ocidente um padrão de ocupação ensejado pelos romanos? É de se pensar. Trata-se de um padrão com esquemas iconográficos bastante definidos na iconografia monetária de regiões tão distantes e tão dispares? Disso, não podemos duvidar.

## Documentação escrita

FLAVIO JOSEFO. **Guerra de Los Judios: y destruccion del templo y ciudad de Jerusalém**. Barcelona, Iberia, 1948.

\_\_\_\_\_. **Jewish Antiquities**. Londres, Heinemann, 1950.

SUETONIO. Vita Diui Augusti. *In: A vida e os feitos do Divino Augusto*. Trad. Matheus Trevizam, Paulo S. Vasconcelos, Antônio M. de Rezende, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2007, p. 9-115.

## Referências bibliográficas

ANDERSON, J. D. The impact of Rome on the periphery: the case of Palestina – Roman period (63a.C. - 324 d.C.). *In: LECY, Th. E. (Ed.) The archaeology of society in the Holy Land*. New York: Facts on File, 1995, p. 446-469.

ANTIQUERA, M. O escudo da virtude e a ideologia do principado augustano. **Fênix** – Revista de História e Estudos Culturais, v. 5, n. 3, jul./ago./set de 2008. Disponível em: <[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)>. Acesso em: 21/11/2013.

ARIEL, D. T. The coins of Herod the Great in the context of the augustan empire. *In: Ijs Studies In Judaica*. Conference Proceedings of the Institute of Jewish Studies. London: University College London, 2008, v. 6, p. 113-126.

BEARD, M.; NORTH, J.; PRICE, S. Roman religion and roman empire. *In: \_\_\_\_\_*. **Religions of Rome**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998, p. 313-363.

BELTRÃO, C. Religião na Urbs. *In: SILVA, G. V.; MENDES, N. M. Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p. 137-160.

BURGOS, F. A. **Catalogo general de la moneda hispanica: desde su origenes hasta el siglo V**. Madrid: J. Vico, 1979.

BURNETT, A.; AMANDRY, M. (Eds.) **Roman Provincial Coinage**. From the death of Caesar to the death of Vitellius (44 BC–AD 69). London and Paris: British Museum Press and Bibliothèque Nationale, v.1, 1992.

CARANDINI, A. Variazioni sul tema di Romolo. Riflessioni dopo la nascita de Roma. In: CARANDINI, A.; CAPPELLI, R. (Dirs.) **Catálogo da exposição Roma**. Romolo, Remo e la fondazione della città. Roma: Electa, 2000, p. 95-150.

CRAWFORD, M. H. Roman imperial coin types and the formation of public opinion. In: BROOKE, C. N. L. **Studies in numismatic method**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983, p. 47-59.

DE ROBERTIS, F. M. Libertas e auctoritas cardini del sistema político-instituzionale romano. In: NITTI, A.; MARANGIO, C. (Eds.) **Scritti di Antichità**. Brindisi: Schena, 1994, p. 183-187.

ÉTIENNE, R. **Le culte imperial dans la Péninsule Ibérique d'Aguste a Dioclétien**. Paris: E. de Boccard, 1974.

FARIA, A. M. de. Pax Iulia, Felicitas Iulia, Liberalitas Iulia. **Revista Portuguesa de Arqueologia**, v. 4, n. 2, p. 351-362, 2001.

GALINSKY, K. **Augustan Culture: an interpretative introduction**. Princeton: Princeton University Press, 1998.

GONÇALVES, A. T. M. Poder e propaganda no período severiano: a construção da imagem imperial. **Politeia: História e Sociedade**, Vitória da Conquista, v. 1, n. 1, p. 53-58, 2001/2009.

GREENE, K. **The Archaeology of the Roman economy**. London: Batsford, 1986.

HOWGEGO, C.; HEUCHERT, V.; BURNETT, A. (Eds.) **Coinage and identity in the Roman provinces**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

HUSKINSON, J. Looking for culture, identity and power. In: HUSKINSON, J. (Ed.) **Experiencing Rome: culture, identity, and power in the Roman Empire**. London: Routledge, 2000, p. 3-28.

KEAY, S.J.; TERRENATO, N. (Eds.) **Italy and the West**. Comparative Issues in Romanization. Oxford: Oxbow Books, 2001.

KNAPP, R. The Coinage of Corduba, Colonia Patricia. **Annali dell'Istituto Italiano di Numismatica**, Roma, n. 29, p. 183-202, 1980.

LOTT, J. B. **The neighborhoods of Augustan Rome**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

LOWE, B. **Roman Iberia: economy, society and culture**. London: Duckworth Publishers, 2009.

KINDLER, A. The status of cities in the Syro-Palestinian Area as Reflected by their coins. **INJ**, Jerusalem, v. 6, n. 7, p. 79-87, 1982/3.

MATTINGLY, D. J. Dialogues in Roman Imperialism. Power, discourse and discrepant experience in the Roman Empire. **Journal of Roman Archaeology** (Supplementary Series), Rhode Island, n. 23, 2004.

MESHORER, Y. **A treasury of Jewish Coins**. Jerusalém: Yad Ben-Zvi Press, 2001.

MORAIS, R. Bracarum Oppidum Augusta. Os dados da cultura material. *In*: REVILLA, V.; ROCA, M. (Eds.) **Contextos cerámicos y cultura material de época augustea en el occidente romano**. Actas de la reunión celebrada en la Universitat de Barcelona los días 15 y 16 de abril de 2007. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2007.

PORTO, V. C. As moedas romanas da Península Ibérica e da Síria-Palestina: uma tentativa de diálogo. **Mare Nostrvm – Estudos sobre o Mediterrâneo Antigo**, São Paulo, n. 3, p. 13-32, 2012.

REVELL, L. **Roman imperialism and local identities**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

SCHEID, J. **An introduction to Roman religion**. Bloomington / Indianapolis: Indiana University Press, 2003.

SILVA, D. C. da. Altar *Belvedere* culto dos *lares augusti*: reorganização do espaço sagrado da *urbs* (ca. 12 a.C.). **Plêthos**, Niterói, n. 3, v. 2, p. 36-46, 2013.

SPIJKERMAN, A. **The coins of the Decapolis and Provincia Arabia**. Jerusalém: M. Piccirillo, 1978.

STEIN, A. **Studies in Greek and Latin inscriptions on the Palestinian coinage under the principate**. Tese de doutorado. Tel Aviv: Tel Aviv University, 1990.

TAVARES, A. **Impérios e propaganda na Antiguidade**. Lisboa: Presença, 1988.

TERRENATO, N. The Deceptive Archetype: Roman Colonialism in Italy and Postcolonial Thought. *In*: HURST, H.; OWEN, S. (Eds.) **Ancient Colonizations – Analogy, Similarity & Difference**. London: Duckworth, 2005, p. 59-72.

TRISTÁN, F. de A. C. **La Córdoba Hispano-romana y sus monedas**. Sevilla: Ed. Círculo Numismático de Córdoba, 1977.

WHITTAKER, C. R. Imperialism and culture: the Roman initiative. **JRA**, Portsmouth, suppl. 23, p. 143-163, 1997.

ZABALETA ESTÉVEZ, M. M. Hallazgos numismáticos de los comienzos de Bracara Augusta. **3º Congreso de Arqueologia Peninsular** (Arqueologia da Antiguidade na Península Ibérica), Porto, n. VI, p. 395-399, 2000.

ZANKER, P. **Augusto y el poder de las imagenes**. Madrid: Alianza, 1992.

## Notas

<sup>1</sup> O altar de *Providentia* e o templo de *Aeternitas* dispensam maiores explicações pois, além de aludirem muito forte e diretamente aos aspectos religiosos da cidade, fazem uma referência direta ao culto imperial. A “porta da cidade”, assim como as quase sempre presentes muralhas da cidade, era construída no mesmo momento da fundação da nova *colonia*, ou seja, fazia parte do conjunto de ações e simbolismos religiosos que configuravam a nova fundação como uma “nova Roma”.